

As preposições e a elisão e latim clássico

Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa

Faculdade de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

evellynepatricia@hotmail.com

Resumo. *Apresentamos, nesse trabalho, uma descrição da elisão em latim tendo como foco a aplicação do fenômeno dentro do grupo clítico formado pela preposição + palavra regida. Elisão é o apagamento de uma vogal átona final quando há, no verso, uma palavra iniciada também por vogal de qualidade diferente. Se a elisão não se aplicar, a vogal átona final se alonga formando um hiato com a vogal do vocábulo seguinte. Essa investigação busca verificar em que medida a elisão, em latim, se aplica entre a preposição e a palavra regida, dentro do grupo clítico. O corpus desse trabalho é constituído de três obras da literatura latina: Odes, de Horácio; Eneida, de Virgílio; Metamorfoses, de Ovídio. Os versos que continham preposições com o ambiente de aplicação da elisão foram escandidos e esse conjunto de versos passou a constituir o corpus final para a análise.*

Abstract (ou Resumen). *In this work, we describe the process of elision in Latin, focusing on its application within the clitic group formed by a preposition plus a governed word. Elision is the deletion of a final unstressed vowel when there is another word in the verse, starting with a different vowel. When elision is not applied, the final unstressed vowel is lengthened and forms a hiatus with the vowel of the following word. This investigation aims to assess the extent to which elision is applied between a preposition and its governed word, within the clitic group, in Latin. The corpus of this work comprises three pieces of Latin literature: Odes, by Horace; Aeneida, by Virgil; and Metamorphoses, by Ovid. The verses containing prepositions with the environment for elision were scanned, and this set formed the final corpus for our analysis.*

Palavras-chave: preposição; latim; elisão

1. Prosódia e métrica latinas

O verso latino seria, segundo Said Ali (1953), uma série rítmica de sílabas longas ou breves. Em Lipparini (1961) temos regras gerais de prosódia¹ nas quais estão inseridas as preposições: (i) preposições que terminam em vogal são longas: *a, de, pro*, etc; (ii) as preposições que terminam em consoantes são breves: *cum, ob, ex*, mas monossílabos breves podem se tornar longos por posição (*at pius Aeneas*).

Para a prosódia e métrica tradicionais, uma combinação de sílabas longas e de sílabas breves é denominada **pé**. Da mesma maneira que notas musicais agrupam-se em

¹Mais informações podem ser encontradas em Lipparini (1961).

compassos, as sílabas longas e breves agrupam-se em pés. Um número determinado de pés forma um verso. De acordo com Lipparini (1961), os pés mais usados em latim são:

- o **dáctilo** (uma longa e duas breves): *tēm-pō-rǎ*;
- o **anapesto** (duas breves e uma longa): *sŭ-pĕ-rī*
- o **jambo** (uma breve e uma longa): *mǎ-nū*
- o **troqueu** ou coreu (uma longa e uma breve): *vīl-nŭs*;
- o **espondeu** (duas longas): *cūn-ctōs*.

No nosso corpus de análise, os pés utilizados são o dáctilo e o espondeu, caracterizando os versos hexâmetro e pentâmetro. Como uma sílaba longa equivale a duas breves, um dáctilo pode ser substituído por um espondeu $\sim\sim = \text{—}$.

Dentre os versos latinos, os mais utilizados são o hexâmetro e o pentâmetro. As obras de Horácio obedecem ao esquema métrico que se segue, a estrofe alcaica:

$\sim \sim / > / \text{—} // \sim \sim / \sim \sim \sim$
 $\sim \sim / > / \text{—} // \sim \sim / \sim \sim \sim$
 $\sim \sim / > / \text{—} // \sim \sim / \sim \sim \sim$
 $\sim \sim / > / \text{—} // \sim \sim / \sim \sim \sim$
 $\sim \sim \sim \sim$

O hexâmetro dactílico é composto de seis dáctilos, sendo que qualquer um dos primeiros quatro dáctilos pode ser substituído por um espondeu, o quinto é geralmente insubstituível, o sexto perde a última sílaba e torna-se um troqueu, mas, como a última sílaba de um verso é livre, às vezes temos um espondeu, exemplo:

$\sim\sim\sim\sim / \sim\sim / \sim\sim / \sim\sim \sim$

ou

$\sim \sim \sim \sim / \sim \sim / \sim \sim \sim \sim \sim$

2. A elisão em latim: visão tradicional

A elisão em latim é registrada pela métrica e prosódia tradicionais como o apagamento de uma vogal átona final quando há, no verso, uma palavra iniciada também por vogal de qualidade diferente. Segundo Lipparini (1961), quando escandimos um verso, temos de dar especial atenção à **elisão**. Quando temos uma palavra que termina em vogal ou $-m^3$ e

² .> é um símbolo que indica uma sílaba longa que não é contada. // indica a cesura que divide o pé.

³ Na verdade, há, aqui uma assimilação total de $-m$ pela vogal precedente e uma aspiração de h - pela vogal que o segue. Em suma, a elisão em latim ocorre quando há o contato de uma palavra que termina em vogal seguida de uma palavra que inicia também por vogal.

a palavra seguinte inicia em vogal ou *-h*, a primeira vogal é absorvida pela vogal da palavra seguinte.

1 - *Alma pre-/ cor mise-/rere po-/ tes nam-/que omnia/nec/te.*

2 - *Oran-/dum est ut/sit mens/sana in/corpore/sano.*

3 - *Alma pre-/ cor mise-/rere po-/ tes nam-/qu omnia/nec/te.*

4 - *Oran-/d est ut/sit mens/san in/corpore/sano*

No exemplo em (1), podemos observar o fenômeno da elisão. A vogal final do vocábulo *que* é apagada diante da vogal inicial do vocábulo *omnia* e a sílaba do monossílabo *que* não é contada, como em (3). O mesmo ocorre com o exemplo em (2) entre os vocábulos *dum est* e *sana in*, resultando (4).

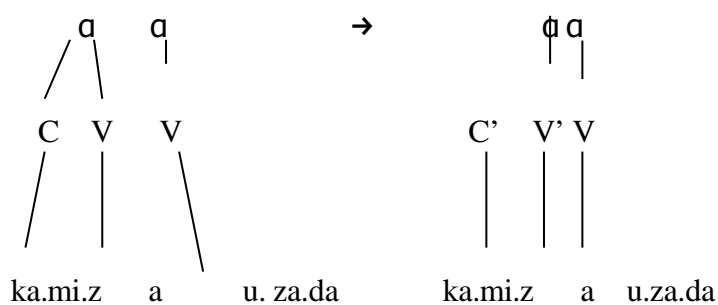
Se a elisão não ocorrer, o resultado é um hiato com o alongamento da vogal final do primeiro vocábulo. O hiato faz com que os dois vocábulos fiquem em pés separados, como em (5).

5 - *Et ve-/ra inces-/su patu-/it dea:/ille ubi/matrem.*

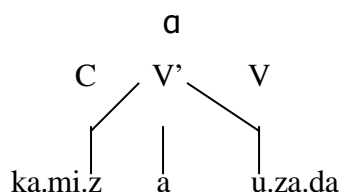
3. A elisão em latim

Como em português, consideramos que a elisão em latim se instancia como fenômeno que ocorre quando há um choque de picos silábicos. Como resultado disso, V_1 , vogal que se encontra em posição prosodicamente mais fraca, é elidida, deixando segmentos perdidos que devem ser ressilabados sob pena de serem apagados pelo Princípio do Apagamento do Elemento Extraviado. Reproduzimos o exemplo de Bisol (1996) em (6), (7) e (8).

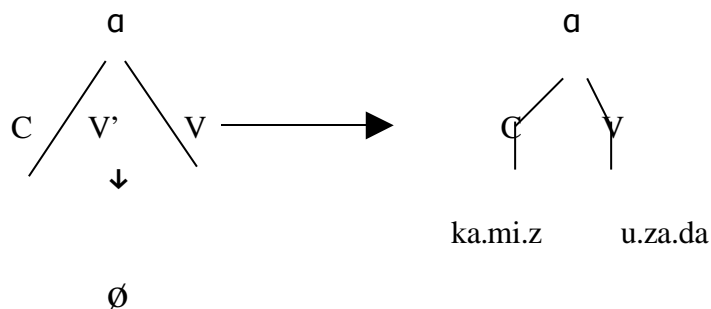
6 - Choque dos picos silábicos



(7) Ressilabação



(8) Apagamento do Elemento Extraviado



O domínio de aplicação da elisão é a frase fonológica. De acordo com Nespor e Vogel (1986), o constituinte frase fonológica engloba um ou mais grupos clíticos, isto é, o próprio grupo clítico e a palavra fonológica, ambos C neste nível. Mas o fenômeno pode se aplicar em constituintes mais baixos, como o grupo clítico. O grupo clítico é a unidade prosódica que sucede a palavra fonológica hierarquicamente. Esse constituinte pode ser definido como a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo. Por vezes o clítico é tratado como parte integrante da palavra fonológica.

De acordo com Bisol (2001), os clíticos do português têm a característica de ora se comportarem, em relação à palavra de conteúdo, como uma sílaba átona à esquerda da base, formando com ela um só vocábulo fonológico, como [te considero]ω. Ora têm uma certa independência em relação ao vocábulo adjacente, sofrendo, por exemplo, regra de neutralização, como se fosse uma palavra de acento próprio, ora forma com a palavra de conteúdo, um grupo clítico, no dizer de Nespor e Vogel (1986), como em [ti]ω kōnsideru]ω]C.

De acordo com Bisol (2001), em português, além da neutralização da átona final, o grupo clítico também é o ambiente para as regras de sândi externo, como por exemplo, a elisão. A elisão, diferentemente da degeminação, só ocorre entre palavras.

9 a) [menina]ω[orgulhosa]ω]Φ

b) [meninorgulhosa]ω

10 a) [pela_idade]C

b) [pelidade] ω

De acordo com os exemplos em 9, a elisão é um fenômeno que se aplica entre palavras fonológicas, (9 a), da mesma maneira que se aplica no interior do grupo clítico, (10 b). Partindo desse pressuposto, o clítico pode ser interpretado como palavra fonológica independente e não como uma sílaba átona à esquerda da base.

Segundo a autora, quando o sândi se aplica no interior de um grupo clítico, a reestruturação silábica os converte em uma só palavra fonológica, nesse caso, o clítico passa a ser interpretado como sílaba átona à esquerda da base, como em (10b). Dar este ou aquele tratamento ao clítico ainda não é ponto pacífico.

Fundamentados nos exemplos em português, tratamos de verificar se a elisão em latim, além de se aplicar entre palavras, ocorre também entre a preposição e a palavra seguinte, como entre o clítico e a palavra de conteúdo, em português.

Temos um *corpus* formado por 16 versos com ambientes para a aplicação da elisão: preposição terminada em vogal + palavra iniciada por vogal. Do universo do *corpus*, 15 são versos hexâmetros dactílicos e 1 é um verso pentâmetro. Essa disposição dos dados talvez se deva ao estilo das obras *Metamorfoses* (Ovídio) e *Eneida* (Virgílio), o exemplo de pentâmetro é das *Odes* de Horácio.

Estrofe sáfica ou alcaica

(11) *Sāevī/Ēt cīr/ca ī//ĕcŭr/ŭlcĕ/rōsŭm* (*Ode XXV*)

No exemplo em (11), vemos que a elisão se aplica resultando /*c ī//ĕcŭr*/, entre a preposição *circa* e a palavra *iecur*.

Hexâmetro dactílico

(12) *Rĕspōn/sāt cīr/ca ēt cāe/lŭm tŏnāt/ ōmnĕ tŭ/mŭltŭ*. (*En. Livro XII*)

Em (12), a elisão se aplicou entre a preposição *circa* e a conjunção *et*, resultando /*c ēt cāe*/.

(13) *Vīx hāec/ ēdīdĕ/rāt_cum ēffŭsīs Āmbrībŭs /ātrā* (*En. Livro V*)

Novamente o processo de elisão se aplicou no verso em (13) convertendo /*rāt_cum ē* / em /*rāt_c ē*/, entre a preposição *cum* e a palavra *effussis*.

(14) *-Sīc fāctŭs/ sēnīŏr/ tēmŭnqŭe/ ĩmbē/llĕ sīnĕ/Īctŭ*. (*En. Livro II*)

Nesse verso (14), o processo de elisão não se aplicou. Temos, portanto um hiato, que alonga a última vogal da preposição *sine*, deixando-a em um pé separado da palavra seguinte *ictu*. Este foi o único exemplo de hiato no nosso conjunto de versos, fato que vem ao encontro dos registros da métrica e prosódia tradicionais que chamam atenção para a questão de que a elisão é muito mais recorrente que o hiato.

(15) *-Vīr Trŏv/ānĕ sŭ/ne hānc ānŭ/mam ēt mī/sērĕ prĕ/cāntīs* (*En. Livro X*)

No verso acima, temos elisão no terceiro pé, entre a preposição *sine* e o pronome *hanc*, resultando /*nānc ānŭ*/ e entre *animam* e *et* no quarto pé, convertendo-os em /*m ēt mī*/.

(16) *-Pōne āgĕ/ nĕc tŭtŭ/lŏs ĩntĕr/cīpĕ/, fĕmīnā/ nōstrŏs*. (*Met. Livro VIII*)

No verso em (16), a elisão se aplicou entre a preposição *pone* e a palavra *age*, resultando /*Pōn āgĕ*/.

(17) *Mūltā/ cūm tībi ān/te ārās nōs/trā cādēt/ hōstīā/ dēxtrā. (En. Livro I)*

No segundo e terceiro pés do verso acima, a elisão se aplica resultando /cūm tīb ān/t ārās nōs/ respectivamente. No segundo pé, o processo se aplica entre o pronome *tibi* e a preposição *ante*, no terceiro pé, entre a preposição *ante* e a palavra *aras*.

(18) *Vīsā mī/hi ānte ōcū/lōs ēt/ nōtā mā/lōr ĩ/māgō. (En. Livro II)*

No segundo pé, o processo de elisão se aplicou entre o pronome *mihi* e a preposição *ante* e entre a preposição *ante* e a palavra regida *oculos*, convertendo-os em /hi ānte. ōcū/.

(19) *Cīrcūm/ ērrānt ā/cīēs ēt/, nī mēā/ cūrā rē/sīstāt. (En. Livro II)*

No verso em (19), o processo de elisão não se aplicou entre a preposição *circum* e o verbo *errant*. Temos, portanto, a aplicação do hiato que alonga a vogal final da preposição, deixando os elementos em pés separados.

(20) *Ālbā/ sōlō rē/cūnbāns āl/bī cīr/cum ūbērā/ nāī (En. Livro VIII)*

A elisão se aplicou no quinto pé do verso (20) reestruturando *cum ūbērā* em /c ūbera/. O processo se aplicou entre a preposição *cum* e o vocábulo *ubera*.

(21) *Īlīcē/t ĩnfān/dūm cūncī/ cōntrā/ ōmnīā/ bēllūm (En. Livro VII)*

Como a elisão não ocorreu no verso em (21), o hiato se aplicou alongando a última vogal da preposição *contra*, deixando-a em um pé separado da palavra seguinte iniciada por vogal, *omnia*.

(22) *Vērtītūr/ ārmā tē/nēns ēt/ tōtō/ vērtīcē/ sūpra ēst. (En. Livro VII)*

A elisão se aplicou no último pé do verso em (22) reestruturando *sūpra ēst* em /sūpr ēst/, envolvendo a vogal final da preposição *supra* e a vogal inicial do verbo *est*.

(23) *Sūpra hōmī/nēs, sūpra ĩ/rāe dēōs/ pīē/tātē vī/dēbīs. (En. Livro XII)*

Temos o processo de elisão entre a vogal final da preposição *supra* e a vogal inicial do vocábulo *homines*, no primeiro pé, e entre a preposição *supra* e a vogal inicial da palavra *irae*.

Vimos, através dessa rápida análise do nosso corpus, que a elisão em latim se aplica no constituinte grupo clítico, assim como ocorre em português. O domínio da elisão é a frase fonológica, mas o fenômeno se aplica no constituinte prosódico grupo clítico, entre a preposição e a palavra seguinte.

A elisão é um fenômeno recorrente no verso latino, o processo se aplicou na maioria dos dados do nosso conjunto de versos, quando o fenômeno em questão não estava presente, o hiato se aplicou alongando V₁, deixando as duas palavras envolvidas no processo em pés separados.

BILBIOGRAFIA

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. 27.ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

BISOL, Leda. *A degeminação e a elisão no Varsul: Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.

BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BISOL, Leda. *O sândi e a ressilabação*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n 31 (2), p. 159-168, 1996.

HERNANDORENA, Carmem Lúcia. *Introdução à teoria fonológica. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HORACE. *Odes*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. 7.ed., Paris, Belles Lettres, 1992. 3v.

LIPPARINI, Giuseppe. *Sintaxe Latina*. Tradução e adaptação de Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira. Petrópolis, Vozes, 1961.

NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

OVIDE. *Les Metamorphoses*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. 7.ed., Paris, Belles Lettres, 1985. 3v.

SAID ALI, M. *Acentuação e versificação latinas*. Rio de Janeiro, Simões, 1957.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. 7.ed. Porto: Gráficos reunidos, [s/d].

VIRGILE. *Énéide*. Texte établi et traduit par Jacques Perret. 3.ed., Paris, Belles Lettres, 1982. 3v.